

**Ecoss do episódio de Niso e Eurialo na *Chauleida*  
de Diogo Paiva de Andrade**

ANTÓNIO ANDRADE  
*Universidade de Aveiro*

*Da vida à morte vai a distância de um momento. Da morte à vida pode o passo não ser mais longo. São as duas faces inseparáveis da realidade; por isso, tudo o que é humano ou ao homem se refere caminha de uma para a outra, da vida para a morte, ou da morte para a vida.<sup>1</sup>*

Diogo de Paiva de Andrade (Lisboa, 1576; Almada, 1660), para além da sua obra em português, onde assume especial relevo o tratado de filosofia moral *Casamento Perfeito*, saído a lume em 1630, deixou-nos um valioso legado enquanto poeta novilatino. A sua obra mais significativa é, sem dúvida, o poema épico intitulado *Chauleidos libri duodecim. Canitur memoranda Chaulensis urbis propugnatio, et celebris Victoria Lusitanorum aduersus copias Inizae Maluci* - ‘Os doze livros da Chauleida. Canta-se a memorável defesa da cidade de Chaul e a célebre vitória dos Portugueses contra as tropas de

---

<sup>1</sup> Carlos Ascenso André, “Morte e vida na *Eneida*”: Walter de Medeiros *et alii*, *A Eneida em contraluz* (Coimbra 1992) 26.

Inizamaluco<sup>2</sup>.? A edição *princeps* deste poema teve lugar no ano de 1628, em Lisboa. Mais tarde, em 1745, voltaria a ser editado juntamente com a maior parte das suas obras em latim, integrado no terceiro volume do *Corpus Poetarum Lusitanorum*, da responsabilidade de António dos Reis.

O poema épico de Paiva de Andrade serve-se de factos históricos contemporâneos como base da sua narração. O próprio título do poema alude a um cerco da praça forte de Chaul, na Índia, e à memorável vitória dos Portugueses sitiados pelas tropas inimigas de Inizamaluco. Desde que, no início do século XIX, o dicionarista bibliográfico Inocêncio Francisco da Silva referiu que o assunto da *Chauleida* era o famoso cerco de Chaul de 1570/1571, assumiu-se a sua afirmação como um dado assente até aos nossos dias. No entanto, o argumento da *Chauleida* evidencia, quer ao nível das figuras intervenientes quer da própria matéria narrativa, uma relação estreita com o cerco de Chaul de 1593/1594, ocorrido cerca de vinte e dois anos mais tarde, sob o vice-reinado de Matias de Albuquerque. Aliás, o próprio pai de Paiva de Andrade, Francisco de Andrade, cronista-mor do reino desde Junho de 1593, redigiu, por ordem de Filipe II, uma crónica com o objectivo de relatar os «*Comentários da milagrosa vitória, que, no ano atrás passado de 1594, os portugueses [...] houveram do poderoso exército do Inizamaluco na tomada e expugnação do môrro de Chaúl*»<sup>3</sup>. Paiva de Andrade teve seguramente conhecimento destes *Comentários* escritos pelo pai, em 1595, para serem enviados para a cúria romana, a partir de onde teriam divulgação internacional. Com efeito, um confronto, ainda que sumário, dos acontecimentos relatados nos *Comentários* e na

---

<sup>2</sup> Trata-se do sultão de Ahmadnagar, Nizam Shah, designado pelos Portugueses como Inizamaluco. Paiva de Andrade usa a forma Inizamaluco ou simplesmente Iniza.

<sup>3</sup> Francisco de Andrade, *Comentários da vitória de Chaúl* [...], prefaciado e anotado por Jorge Faro (Lisboa 1945).

*Chauleida* revela muitos pontos comuns – personagens, linhas de acção fundamentais, semelhança de determinados episódios, coincidência de pormenores descritivos, e vem provar que Diogo Paiva de Andrade utilizou os *Comentários* do cerco de Chaul de 1593/1594 como fonte privilegiada para arquitectar a estrutura narrativa do seu poema épico.

Se a epopeia de Paiva de Andrade aproveita (embora não o faça, como é evidente, de uma forma linear) uma temática histórica contemporânea, um cerco a uma praça forte portuguesa, na Índia, não nos podemos esquecer de que a epopeia está escrita na língua do Lácio e muito deve, em geral, à tradição épica greco-latina e, em particular, à epopeia virgiliana.

Pretendemos, de seguida, fundamentar e evidenciar a relação existente entre os dois poemas épicos, centrando, porém, a nossa análise especificamente no confronto entre dois episódios: o célebre episódio de Niso e Euríalo, que domina o livro IX da *Eneida* e o episódio de Doreu e Crome da *Chauleida* (livros VIII e IX). Antes de mais, julgamos imprescindível traçar aqui, de uma forma sintética, as linhas fundamentais de cada um dos episódios.

A missão de Niso e Euríalo assume-se como elemento nuclear do livro IX da epopeia virgiliana. No decorrer da ausência de Eneias, que tinha ido solicitar a ajuda de Evandro para a sua causa, Turno põe cerco à fortaleza dos Troianos e prepara-se para lançar um violento ataque. Niso e Euríalo, dois jovens troianos para quem *amor unus erat*, engendram um plano para sair furtivamente da fortaleza, ultrapassar as linhas inimigas e, assim, avisar Eneias da situação crítica em que se encontravam. A missão tem a aprovação do comando troiano e é posta em prática. A acção de Niso e Euríalo, porém, não chega a ser concluída, pois os dois jovens, vítimas da sua sede de glória, são surpreendidos pelo inimigo, acabando por ser mortos às mãos dos Rútulos.

No poema épico de Paiva de Andrade, Doreu e Crome, igualmente dois jovens, urdem um plano para vencer o exército luso, que, apesar de sitiado pelas forças inimigas, defendia valorosamente a fortaleza de Chaul, a ferro e fogo, das incursões inimigas. Os dois jovens soldados dirigem-se até um feiticeiro, Foxeu, e solicitam-lhe um veneno com o qual possam envenenar as fontes dos Lusitanos. Depois de o terem na sua posse, Doreu e Crome passam à execução da sua pérfida missão. Já perto da fortaleza de Chaul interceptam Leonor, a infeliz esposa do desventurado Luís, soldado português morto pelos Dácanos<sup>4</sup>, cujo cadáver tinha ficado no campo de batalha, insepulto. Com efeito, após uma surtida inglória, os Portugueses viram-se obrigados a retirar apressadamente para a fortaleza de Chaul, sofrendo pesadas baixas. Doreu e Crome procuram atentar contra o pudor da infausta jovem, salva *in extremis* por uma patrulha lusa, capitaneada por Álvaro Abranches<sup>5</sup>, que aprisiona os dois inimigos e os conduz para Chaul, onde acabam por ser mortos, por ordem de Cosme de Lafeté<sup>6</sup>, comandante das forças portuguesas.

Um simples confronto entre os dois episódios revela que Paiva de Andrade tinha em mente o famoso passo virgiliano, quando compôs a *Chauleida*, não recriando, todavia, o texto do poeta

---

<sup>4</sup> No poema, os inimigos são com frequência apelidados de *Dacani*, que corresponde à raça decanim mencionada por Francisco de Andrade.

<sup>5</sup> Álvaro de Abranches é o primogénito de D. João de Abranches e trineto de D. Álvaro Vaz de Almada, morto em Alfarrobeira. Cosme de Lafeté pede a sua ajuda para defender Chaul do apertado cerco a que estava sujeita, e D. Álvaro chega a Chaul com uma armada, vindo de Baçaim, em Setembro de 1594. Desempenha um papel importante na conquista da vitória portuguesa.

<sup>6</sup> Cosme de Lafeté é o comandante das forças portuguesas na tomada do morro de Chaul. Francisco de Andrade, nos *Comentários*, apresenta-o como «general da nossa gente de guerra em tôda a costa do Norte com muitos poderes, que o Viso-Rei lhe dera, um fidalgo de grande ânimo e conselho chamado Cosmo de Lafetar» (p. 21).

mantuano de uma forma servil, como procuraremos demonstrar. Refira-se, a este propósito, que nos relatos históricos do cerco de Chaul por nós consultados não há a mínima referência a acções semelhantes às encetadas por Doreu e Crome ou por Leonor.

Em ambos os episódios, os protagonistas são dois jovens unidos por laços de extremo afecto: Niso e Eurialo, na *Eneida*, Doreu e Crome, na *Chauleida*. No entanto, verificamos que as figuras intervinientes surgem em enquadramento distinto. No passo virgiliano, a afectividade do narrador recai sobre os dois jovens; no episódio da *Chauleida*, temos o inverso, pois os dois jovens pertencem ao campo inimigo. De facto, Niso e Eurialo pertencem ao exército vencedor, os Troianos comandados por Eneas; Doreu e Crome, pelo contrário, formam parte do exército vencido, os Dácanos. Os Troianos encontram-se cercados pelas forças de Turno; os Dácanos, ao invés, põem cerco às forças lusitanas, entrincheiradas na praça forte de Chaul.

Algumas interpretações recentes do episódio virgiliano, em particular a de Steven Farron, sugerem ou baseiam-se inclusivamente no pressuposto da existência de uma relação amorosa entre Niso e Eurialo<sup>7</sup>.

Deste modo, se a natureza da relação que une Niso e Eurialo é, no mínimo, ambígua, o mesmo não pode dizer-se da que existe entre Doreu e Crome. A estes, para além de uma amizade profunda, une-os o próprio sangue, pois são irmãos gémeos. Julgamos bastante verosímil que, por detrás da alteração no tipo de relação entre Doreu e Crome, face ao modelo da *Eneida*, se encontra uma intenção

---

<sup>7</sup> Steven Farron, *Vergil's Aeneid: a poem of grief & love* (Leiden-New York-Köln 1993) 1-30; 81-91 e 155-164. Cf. também, ainda que sem o mesmo alcance da interpretação de Steve Farron: William Sadler Bonds, *Joy and desire in the "Aeneid": Stoicism in Vergil's treatment of emotion*. University of Pennsylvania 1978 (tese de doutoramento microfilmada); Antonio La Penna, "Lettura del nono libro dell'*Eneide*": Marcello Gigante, *Lecturae Vergilianae*, 3 (Napoli 1983) 301-340.

deliberada do poeta português de evitar, por completo, as dúvidas que poderiam eventualmente colocar-se sobre o seu carácter homossexual. De facto, a mera insinuação deste tipo de relação nunca poderia ter, seguramente, cabimento nos rígidos padrões morais de Paiva de Andrade.

Vejamos o paralelo entre os seguintes passos<sup>8</sup>:

*His amor unus erat pariterque in bella ruebant.*

*Aen.* 9.182

*A estes unia-os um só e mútuo amor e, lado a lado, corriam para os combates.*

*Forte retropositos castrorum excurrere uallos  
nunc Doreo, Cromique datum, quos protulit uno  
Chenda parens nixu, caroque alternus ab ortu  
creuit amor, Martemque pari feritate sequuntur.*

*Chauleidos* 8.54-57

*Ora, aconteceu, por acaso, que Doreu e Crome, a quem a mãe Chenda deu à luz em um só parto, percorriam as trincheiras da fortaleza erguidas na retaguarda; um amor mútuo cresceu entre um e outro desde o seu auspicioso nascimento e seguem Marte com igual ardor.*

A natureza do amor que une Niso e Euríalo tem sido alvo de múltiplas interpretações desde o amor da glória dos combates até ao amor enquanto sentimento. Virgínia Soares Pereira afirma, com base precisamente neste termo, que «um dos fascínios da Eneida é este

---

<sup>8</sup> Para as citações da *Eneida*, seguimos a edição de R. D. Williams, *The Aeneid of Virgil*. Books 7-12 (London 1973); para a *Chauleida*, utilizámos o texto da edição *princeps*: Diogo Paiva de Andrade, *Chauleidos libri duodecim*, Vlyssipone, apud Georgium Rodriguez, 1628.

As traduções dos passos apresentados são de nossa autoria.

deslizar semântico contínuo, esta encruzilhada de sentidos, esta dúvida que sistematicamente corrói o tecido poético.»<sup>9</sup> Paiva de Andrade também usa a palavra *amor* para assinalar o sentimento que une Doreu e Crome, mas agora trata-se, sem dúvida, de um amor fraternal. Enquanto qualificativo de *amor*, *unus* é substituído por *alternus*, não obstante *uno* aparecer em relação com *nixu*. A união entre os dois jovens está reforçada pelos laços de sangue, e a igual determinação que um e outro demonstram está, desde logo, motivada pelo facto de serem irmãos gémeos. Além disso, retrata-se, em ambos os excertos, o carácter guerreiro dos jovens, e a sua união está reforçada pelo advérbio *pariter*, no poema de Virgílio, e com o adjectivo *pári*, no poema de Paiva de Andrade.

A primeira parte de cada um dos episódios tem uma estrutura muito semelhante. Após uma breve apresentação dos caracteres, verificamos que tanto Niso como Doreu têm um determinado ascendente sobre os seus pares, respectivamente, Euríalo e Crome. Niso e Doreu, imbuídos do furor, são os mentores do arriscado projecto, que expõem aos companheiros:

*Nisus ait: «Dine hunc ardorem mentibus addunt,  
Euriale, an sua cuique deus fit dira cupido?  
Aut pugnam aut **aliquid** iamdudum inuadere **magnum**  
mens agitat mihi, nec placida contenta quiete est.*

*Aen.* 9.184-187

*Niso diz-lhe: «São os deuses que me infundem este ardor no espírito, Euríalo, ou cada qual faz do seu ardente desejo um deus? O meu espírito impele-me, desde há muito, a entrar em combate ou em algo de grandioso, e não se contenta com a plácida quietude.»*

---

<sup>9</sup> Virgínia Soares Pereira, “Sementes de frustração na *Eneida*”: Walter de Medeiros *et alii*, *A Eneida em contraluz* (Coimbra 1992) 114.

*Tunc Doreus: «Maior solito mihi perfurit imo  
corde Deus, **magnum** has **aliquid** patrasse per umbras  
urgeor, aetherios fama ut resonante per axes  
reddar Inizaeis decus admirabile fastis.»*

*Chauleidos 8.58-61*

*Então, Doreu disse: «Uma divindade mais poderosa do que  
é habitual enche-me de fúria do fundo do coração; sou  
impelido a levar tornar- a cabo, em meio destas trevas, um  
feito grandioso, por forma a me uma admirável glória dos  
anais de Iniza graças à fama que ressoa pelas alturas do  
Éter.»*

Atentemos no facto de haver em ambos os passos um paralelismo evidente ao nível da forma, pelo uso comum do discurso directo e de uma estrutura quase simétrica, e do conteúdo. Niso e Doreu sentem, igualmente, uma certa incompreensão sobre o que os motiva, em última instância, a desejar *aliquid magnum*. Ambos tentam justificar a sua sede de glória como um provável desígnio divino.

Niso e Doreu, depois de enunciarem as condições favoráveis à concretização do seu projecto, procuram solicitar a atenção dos companheiros:

[...] **Percipe porro**

*quid dubitem et quae nunc animo **sententia** surgat.*

*Aen. 9.190-191*

*Ouve, pois, o que medito e que projecto se ergue agora no  
meu espírito.*

**Percipe quae** nostram rapiat **sententia** mentem

*Chauleidos 8.65*

*Atenta no projecto que me arrebatava o espírito*



Há uma semelhança indiscutível entre os dois excertos. O pedido de atenção está bem marcado pelo uso do imperativo *Percipe*, na dependência do qual temos, na *Eneida*, duas interrogativas indirectas, e na *Chauleida*, apenas uma. Paiva de Andrade aproveitou muito de perto a segunda interrogativa do poema virgiliano, mantendo o sujeito inalterado (*quae...sententia*), mas substituiu *animo...surgat* por *rapiat...mentem*. Note-se a substituição do termo *animo* por *mentem*. Esta alteração parece não ser inocente, pois acentua o carácter criminoso, porque cerebral e premeditado, do projecto de Doreu. A missão de Niso tem origem no centro das emoções (*animus*); ao invés, a de Doreu, no da razão (*mens*). Além disso, o uso do verbo *rapere* exprime, com mais vigor, a arrebatação de Doreu.

Em seguida, Niso e Doreu explicitam o plano (*Aen.* 9.192-196; *Chauleidos* 8.66-79) e, conscientes dos riscos inerentes à missão, aduzem argumentos no sentido de justificar a sua execução a título individual<sup>10</sup>, salvaguardando os amigos de um eventual perigo de morte. Um e outro justificam a não inclusão dos companheiros no projecto com a necessidade de haver alguém que lhes preste, no caso de a missão falhar, as devidas honras fúnebres e dê sepultura ao cadáver:

*Sed si quis (quae multa uides discrimine tali)  
si quis in aduersum rapiat casusue deusue,  
te superesse uelim, tua uita dignior aetas.  
**Sit qui** me raptum pugna pretioue redemptum  
mandet humo, solita aut si qua Fortuna uetabit,  
absenti ferat inferias decoretque **sepulcro**.*

*Aen.* 9.210-215

---

<sup>10</sup> A este propósito, veja-se a análise do conceito de heroísmo na acção individual e de grupo Charles Saylor, “Group vs. individual in Vergil *Aeneid* IX”, *Latomus* 49 (1990) 88-94.

*Mas se algum (como muitas vezes se vê em tal situação), se algum acaso ou algum deus me arrastar para a desgraça, gostaria eu que tu sobrevivesses: a tua idade é mais merecedora de vida. Haja quem, retirando-me do combate ou pagando um resgate, me lance à terra ou, como é habitual, se a Fortuna a tal se opuser, de longe me renda as honras fúnebres e honre com um sepulcro.*

*Tu, precor, hic mea fata mane, aut uestigia cauto  
peruigil incessu procul obseruare memento,  
ut mihi, si laeuae det ius uariabile sortis  
oppetere his ausis, **sit qui** lacrimabile soluat  
funus, et externo det frigida membra **sepulcro**.*

Chauleidos 8.80-85

*Tu, peço-te, aguarda aqui o meu destino ou então, vigilante, lembra-te de observar, de longe, com procedimento cauteloso, os meus passos, para que, se as leis várias de uma sorte adversa me causarem a morte ao empreender tais acções, haja quem me preste as chorosas honras fúnebres e lance os meus enregelados membros em sepultura estrangeira.*

A indeterminação do resultado da missão assume uma posição de destaque, que lhe é conferida pelo uso recorrente de proposições condicionais, no modo potencial, e de indefinidos, e também pelo uso de termos que, pelo seu campo semântico, acentuam a incerteza/perigo do projecto (na *Eneida*, *discrimine*, *aduersum*, *casus*, *fortuna*, *absenti*, *sepulcro*, *inferias*; na *Chauleida*, *fata*, *cauto*... *incessu*, *laeuae*...*sortis*, *ius uariabile*, *oppetere*, *lacrimabile*...*funus*, *externo*...*sepulcro*, *frigida membra*). Refira-se, igualmente, o uso comum da relativa de sentido indeterminado introduzida por *sit qui* e a curiosa substituição de *Fortuna* pela perífrase *laeuae*... *ius uariabile sortis*.

A argumentação de Doreu não é tão extensa como a de Niso. Aliás, o diálogo travado entre Doreu e Crome é mais breve - cada um deles intervém apenas uma vez. Na *Eneida*, pelo contrário, Niso e Eurialo tomam a palavra por duas ocasiões. Niso apresenta também uma justificação que não é utilizada por Doreu: a eventual dor da mãe de Eurialo, se lhe sucedesse alguma desgraça (Aen. 8.216-218)<sup>11</sup>.

A ausência de referência à mãe, na *Chauleida*, visto ser comum a ambos, por serem irmãos, parece indiciar uma certa desumanização dos dois jovens e, por extensão, do próprio inimigo dos Portugueses.

Em resposta, Eurialo e Crome mostram, de igual forma, a sua indignação pelo facto de os companheiros não os incluírem na missão, fazendo apelo às provas de coragem já dadas pela sua estirpe. Os dois declaram estar dispostos a assumir todos os riscos, inclusivamente o da própria morte:

*Mene igitur socium summis adiungere rebus,  
Nise, fugis? Solum te in tanta pericula mittam?  
Non ita me genitor, bellis adsuetus Opheltes,  
Argolicum terrorem inter Troiaequae labores  
sublatum erudiit, nec tecum talia gessi  
magnanimum Aenean et fata extrema secutus:  
est hic, est animus lucis contemptor et istum  
qui uita bene credat emi, quo tendis honorem.*

Aen. 9.199-206

*Evitas, então, ó Niso, tomar-me por companheiro em tão elevada façanha? Sozinho hei-de lançar-te em tão grande perigo? Não foi assim que o meu pai Ofeltes, acostumado à guerra, me ensinou, ao criar-me por entre o terror de Argos e*

---

<sup>11</sup> Para uma análise pormenorizada do relevo da mãe de Eurialo no episódio, cf. Rory B. Egan, "Euryalus' mother and *Aeneid* 9-12": Carl Deroux, *Studies in Latin Literature and Roman History*, II (Bruxelles 1980) 157-176.

*os trabalhos de Tróia, nem contigo assim me comportei, seguindo o magnânimo Eneias e os seus fados extremos. Há, aqui, há um coração que despreza a luz e que julga poder pagar com a vida essa glória que buscas.*

*Cromis ad haec: «Mene ad meritae, germane, calorem laudis, et ad solitos patriae uirtutis honores degenerem argueris? Quo te furor urget euntum iam sequor, et fato moriens amplector in omni.»*

*Chauleidos 8.85-88*

*Crome retorquiu: «Porventura, meu irmão, consideras-me indigno do ardor da merecida honra e do habitual respeito à coragem paterna? Para onde o furor te impele a avançar, sigo-te desde já e, mesmo que pereça em qualquer fatalidade, estou do teu lado.»*

Depois de Niso ter concebido o plano e aceitado a participação do seu companheiro Euríalo, dirigem-se ambos aos *ductores Teucrum* para pedir a aprovação do projecto (*Aen.* 9.230-313). Os comandantes troianos, sobretudo Ascânio, filho de Eneias, encorajam os dois jovens a efectuar a importante missão da qual dependia o regresso de Eneias e, em última análise, o futuro dos Troianos<sup>12</sup>.

Na *Chauleida*, Doreu e Crome também procuram fazer aprovar o seu projecto, ou seja, o envenenamento das fontes dos Portugueses. O plano, porém, não passa pela aprovação dos comandantes militares, à semelhança do episódio de Virgílio, mas do feiticeiro Foxeu, a quem solicitam o tão desejado veneno, condição *sine qua non* para a execução da sua pérfida acção. Foxeu aceita a incumbência e, por

---

<sup>12</sup> Sobre a estrutura formal do episódio de Niso e Euríalo, cf. Paul Colmant, “L’épisode de Nisus et Euryale ou le poème de l’amitié”, *LEC* 19 (1951) 91-92.

entre cerimónias tenebrosas e invocações infernais, prepara o veneno (*Chauleidos* 8.111-207).

Tal como Niso é o primeiro a tomar a iniciativa e a dirigir-se aos comandantes troianos, assim acontece com Doreu em relação ao feiticeiro. Aletes, *annis grauis atque animi maturus* (9.246), depois de ouvir o plano de Niso e Euríalo, invoca os deuses da pátria; Foxeu, em resposta ao pedido de Doreu e Crome, as divindades infernais. Num caso, temos um ancião; no outro, um feiticeiro. Trata-se sempre de alguém com um estatuto e ascendente especiais.

*Di patrii, quorum semper sub numine Troia est,  
non tamen omnino Teucros delere paratis,  
cum talis animos iuuenum et tam certa tulistis  
pectora.*

*Aen.* 9.247-250

*Deuses da pátria, sob cuja protecção está sempre Tróia,  
não procurais, todavia, destruir por completo os Teucros,  
quando destes tal coragem aos nossos jovens e corações tão  
intrépidos.*

*Audite o proceres Erebi, uulgusque repostum  
sedibus umbriferis, tuque o moderator et auctor  
mortis inexpletæ [...].*

*Chauleidos* 8.179-181

*Ouvi, ó divindades do Érebo, ó multidão recolhida aos  
lugares sombrios, e tu, ó governante e obreiro da morte  
insaciável [...].*

A partir deste momento, o desenvolvimento dos episódios segue caminhos diversos nos dois poemas, embora seja possível traçar, com frequência, um paralelo. Ambas as expedições são nocturnas: tanto Niso e Euríalo como Doreu e Crome viajam encobertos pela escuridão da noite. Como veio provar G. J.

Fitzgerald<sup>13</sup> há uma oposição simbólica que atravessa todo o episódio de Niso e Euríalo: dia/luz vs. noite/escuridão. A luz é inimiga da missão. A posição de Euríalo é denunciada pelo elmo brilhante de Messapo. Depois de os dois jovens terem chacinado alguns Rútulos, possuídos pelo furor, Niso adverte Euríalo dos perigos do dia que se aproxima, e pede-lhe que continuem a missão a que se tinham proposto:

[...] *breuiter cum talia Nisus*  
(*sensit enim nimia caede atque cupidine ferri*)  
«*Absistamus*», ait, «*nam lux inimica propinquat.*  
*Poenarum exhaustum satis est, uia facta per hostis.*»  
*Aen.* 9.353-356

[...] *quando em breves palavras (com efeito, sentiu que ele era arrastado em demasia pelo sangue e pelo desejo) Niso diz: «Retiremo-nos, pois a luz inimiga aproxima-se. A nossa vingança foi suficiente, um caminho abre-se por entre os inimigos.»*

Doreu tem um procedimento semelhante em relação a Crome. Alerta-o para os perigos da luz do dia, que está prestes a nascer, e recorda-lhe a necessidade de prosseguir rapidamente a missão até ao fim:

*Cum Cromis: «Aetherium, Doreu, clarescere tractum cerno», ait, «et tenuis uigilum sonat aure susurrus; mitte humiles curas, coeptumque absolue, priusquam egregiis ausis ueniens iubar obstet, in istos frontibus infectis animum transferre calores praestiterit.»*

*Chauleidos* 8.520-525

---

<sup>13</sup> Cf. G. J. Fitzgerald, “Nisus and Euryalus: a paradigm of futile behavior and the tragedy of youth”: J. Martyn (ed.), *Cicero and Virgil: Studies in Honour of Harold Hunt* (Amsterdam 1972) 123-126.

*Quando Crome diz: «Doreu, vejo que a extensão do céu se está a tornar clara e um ténue sussurro dos guardas soa-me ao ouvido; põe de lado os projectos sem importância e termina o que começaste, antes que a estrela da manhã, ao chegar, dificulte a nossa notável ousadia; será melhor transferir a atenção para tais entusiasmos depois de envenenadas as fontes.»*

A missão de Niso e Eurialo não chega a ser concluída, pois os dois jovens são surpreendidos por uma patrulha inimiga e, após uma luta feroz, morrem em combate. No momento em que Niso pressente a morte do amigo às mãos de Volscente, revela a sua posição e, em vão, tenta desesperadamente salvar o companheiro:

*Me, me, adsum qui feci, in me conuertite ferrum,  
o Rutuli! Mea fraus omnis, nihil iste nec ausus  
nec potuit; caelum hoc et conscia sidera testor;  
tantum infelicem nimium dilexit amicum.*

*Aen. 9.427-430*

*Fui eu, eu é que o fiz, voltai contra mim o ferro, ó Rútuos!  
Foi meu todo o crime, esse nada ousou nem pôde. O céu e os  
astros que nos vêem são minhas testemunhas. Ele apenas quis  
demasiado ao infeliz amigo.*

A missão de Doreu e Crome também não é cumprida, pois são capturados por uma patrulha lusitana, capitaneada por Álvaro de Abranches, e levados para Chaul, onde Cosme de Lafeté, comandante das forças portuguesas, os obriga a ingerir o terrível veneno que levavam consigo. Doreu, pouco antes de ser obrigado a tomar o veneno juntamente com o seu irmão gémeo, dirige-se a Cosme e procura, a todo o custo, evitar a morte de Crome. Tal como Niso, profere um apelo desesperado, igualmente vão, jurando ser apenas sua toda a responsabilidade:

[...] *Pestem horrificis ego Phoxeos antris  
ipse ego deduxi, uestrasque agitatus in undas  
iussa tremenda ducum, Lusaeque pericula flammae  
posthabui; sacras tenebras, **et conscia testor  
sidera**, nil iuuenem cui fatum in uiscera mittis,  
commisisse ultro; me, quanquam indebita uindex  
plectat acerba lues.*

*Chauleidos 9.37-43*

[...] *Fui eu quem trouxe a peste do horrendo antro de  
Foxeu e, impelido para as vossas águas, desprezei as ordens  
temíveis dos meus chefes e os perigos do fogo luso. Tomo por  
testemunhas as sagradas trevas e os astros que nos vêem de  
que o jovem a quem introduzes a destruição nas entranhas  
nada mais cometeu, e a mim, todavia, que uma cruel e injusta  
morte me castigue.*

No poema de Virgílio, a repetição anafórica do pronome pessoal de primeira pessoa *me*, reforçada pela antecipação para o início do verso, e pelo possessivo *mea*, acentua e centra a responsabilidade da acção, por completo, na figura de Niso.

No poema de Paiva de Andrade, encontramos também a repetição do pronome pessoal de primeira pessoa, agora em nominativo – *ego*, o qual surge reforçado pelo enfático *ipse*, na sua segunda ocorrência. No v. 42, aparece, em posição de relevo, logo após a cesura pentemímera, a forma pronominal *me*. A semelhança entre os dois passos vai mais longe e evidencia-se no plano textual através da expressão *et conscia testor sidera*, colocada, no entanto, no hexâmetro, em disposição distinta. Toda a atenção está agora voltada sobre Doreu, que se assume como o único responsável, a fim de ilibar e, assim, salvar o irmão.

O episódio de Doreu e Crome entrecruza-se, através de uma curiosa técnica de espelho, com o de Leonor, a infeliz esposa do



soldado Luís. Leonor sai sorrateiramente de Chaul com a sua aia Marta, para cumprir uma missão específica – encontrar e dar sepultura ao corpo do marido, abandonado no campo de batalha (*Chauleidos* 8.208-363). É interessante verificar que Paiva de Andrade cria um segundo par marcado igualmente pelo afecto. Leonor não obedece ao comandante das forças lusas, que tinha dado ordens para que ninguém saísse de Chaul. Também Niso e Eurialo desrespeitaram as ordens de Eneas de ninguém sair do acampamento troiano durante a sua ausência:

*Namque ita discedens praeceperat optimus armis  
Aeneas: si qua interea fortuna fuisset,  
neu struere auderent aciem neu credere campo;  
castra modo et tutos seruarent aggere muros.  
Ergo etsi conferre manum pudor iraque monstrat,  
obiciunt portas tamen et praecepta facessunt,  
armatique cauis exspectant turribus hostem.*

*Aen.* 9.40-46

*Pois assim havia ordenado, ao partir, o melhor em armas, Eneas: se entretanto algum percalço houvesse, que não ousassem formar o exército nem aventurar-se no campo de batalha; que velassem apenas pelo acampamento e pelos muros seguros por trás da trincheira. Por isso, ainda que o brio e a ira os incitem a combater, todavia, fecham as entradas e cumprem as ordens e, armados, no interior das torres, aguardam o inimigo.*

Tal como acontece com Doreu e Crome e Niso e Eurialo, há entre Leonor e a sua aia uma relação de profundo afecto. As duas viajam, de igual modo, de noite, no cumprimento de uma missão. É evidente o paralelo com a acção de Antígona, que desobedece às ordens de Creonte, no intuito de dar sepultura ao corpo do seu querido irmão Polinices. Vejamos a comparação que se estabelece:

*Vtque per Ogygios suboles Adrastia campos,  
tristis et Antigone, lacerum Poliniceis amati  
corpus ad Ismeni furtim uada caeca ferebant  
nocte sub infesta, nec circumfusa pauentes  
funera, nec tumidi crudelia iussa Creontis;  
sic miserae extincti ploratum corpus ephebi  
unanimes plangore uehant.*

*Chauleidos 8.346-352*

*E assim como a geração de Adrasto e a pobre Antígona,  
furtivamente, levavam, através dos campos de Tebas, sob a  
perigosa noite, o dilacerado corpo do amado Polinices para as  
sombrias águas do Ismeno, sem temer os cadáveres em redor  
nem as ordens cruéis do irado Creonte, assim as infelizes  
transportam o chorado corpo do jovem morto, com iguais  
lamentos.*

Leonor consegue, por fim, depois de uma longa e penosa busca, encontrar o cadáver do marido. Pouco depois, fundem-se as duas linhas de acção. Leonor e a aia são interceptadas por Doreu e Crome, que se encaminhavam para as proximidades de Chaul. Leonor, apesar dos seus esforços, tenta em vão impedir os dois irmãos de despojar o cadáver do marido:

*Ergo ubi sub media Doreus caligine cernit  
corporis infausti gemmata monilia, pallam  
auro intertextam, fulisque micantia **bullis**  
**cingula**, constrictum socio comitante cadauer  
exuere, et secto citius diuellere collo  
certat ab insertis monstrata monilia gemmis.*

*Chauleidos 8.407-414*

*Assim, logo que Doreu distingue, no meio da escuridão, o  
colar de pedras preciosas do desventurado corpo, o manto*

Ecoss do episódio de Niso e Eurialo na *Chauleida* de Diogo Paiva de Andrade

*entretecido a ouro e o cinturão reluzente com pregaria de ouro, procura despojar o rígido cadáver com a ajuda do seu companheiro e arrancar mais rapidamente do golpeado pescoço os colares postos à vista pelas pedras embutidas.*

Eurialo também despoja os Rútulos que chacinou sem glória: apodera-se das fâleras e do boldrié de Ramnes e do elmo de Messapo, que o havia de denunciar:

*Euryalus phaleras Rhamnetis et aurea bullis  
cingula [...].*

*Aen.* 9.359-360

*Tum galeam Messapi habilem cristisque decoram  
induit.*

*Aen.* 9.365-366

Paiva de Andrade manteve *bullis* e *cingula* na posição em que se encontravam no poema latino, no final e no início do hexâmetro, respectivamente, mas substituiu *aurea* por *micantia*. A descrição dos despojos é mais pormenorizada na *Chauleida*.

Nos últimos anos, vários estudiosos têm acentuado a complexidade do episódio de Niso e Eurialo e os seus aspectos negativos<sup>14</sup>. A chacina que um e outro levam a cabo no campo inimigo, para além de não ser digna de glória, é desnecessária. Niso começa por se referir ao seu projecto como *insidiae* (9.327). Os Rútulos, apesar de indefesos, por se encontrarem sob a influência do vinho e do sono, são massacrados pelos jovens troianos com uma brutalidade impressionante. A designar a matança perpetrada por Eurialo surge expressivamente a palavra *furto* (9.350). Este despoja os cadáveres dos guerreiros, vítimas da sua fúria assassina. O símile do

---

<sup>14</sup> Cf. a análise de G. Duckworth, “The significance of Nisus and Euryalus for *Aeneid* IX-XII”, *AJPh* 88 (1967) 129-150; e, sobretudo, a de Steven Farron, op. cit., 1-10.

leão faminto a chacinar as ovelhas no redil serve de termo de comparação à carnificina provocada por Niso e Euríalo:

*Impastus ceu plena leo per ouilia turbans  
(suadet enim uesana fames) manditque trahitque  
molle pecus mutumque metu, fremit ore cruento.*

*Aen.* 9.339-341

*Como um faminto leão, movendo-se por entre os repletos  
redis (assim solícita a sua louca fome) devora e arrasta o doce  
rebanho, mudo de medo; ruge com a sua boca ensanguentada.*

O poeta da *Chauleida* apresenta igualmente um símile que deixa transparecer o carácter indigno e violento da acção de Doreu e Crome, quando estes arrancam o corpo de Luís das mãos de Leonor para o despojarem:

*Vt superlapsam uitulo dum raptor acuto  
inuadit lupus ungue bouem, furit ille iacentis  
rupta cruentatos agitare per ilia morsus,  
alternatque auidae motus feritatis, et uncis  
instat anhelantem manibus contingere praedam,  
ipsa renitenti praedantem expellere cornu  
pugnat, et hinc illinc latus obiectare cruentis  
unguibus, et misero subolem circumspicit astu;  
sic Doreus laceros prostati corporis artus  
crudeli spoliare manu, sic fessa laborat  
infandum opposito Leonora repellere furtum  
pectore, fallacique tegit sua pignora lapsu.*

*Chauleidos* 8.415-426

*E assim como, enquanto o lobo voraz ataca com as suas  
afiadas garras uma vaca que corre atrás de um vitelo, ele está  
louco por abocanhar, banhado em sangue, as rasgadas  
ilhargas do animal caído e alterna os movimentos da sua*

*insaciável crueldade e persiste em alcançar, com as patas arqueadas, a sua ofegante presa, ela procura repelir o predador com o chifre que resiste e expor o seu flanco, ora de um lado ora de outro, às cruéis garras e, com a sua pobre destreza, observa a sua cria. Assim Doreu se esforça por espoliar, com mão cruel, os dilacerados membros do corpo prostrado; assim a extenuada Leonor se esforça por repelir o abominável furto, opondo-lhe o peito, e cobre o seu penhor com uma enganadora queda.*

Steven Farron comprova o paralelismo<sup>15</sup> das intervenções de Niso e Eurialo nos livros V e IX, as quais têm um denominador comum – a sua conduta imoral. Durante os jogos fúnebres do livro V, Niso e Eurialo são protagonistas de um episódio sem glória (5.293-361). Eurialo vence injustamente a prova da corrida, graças à ajuda de Niso, que (*non tamen Euryali, non ille oblitus amorum* - 9.334), depois de uma queda aparatosa, ainda consegue pôr-se diante de Sálio, impedindo-o de vencer, e assim oferece a vitória ao seu companheiro. A acção de Niso e Eurialo na corrida é desprezível a todos os níveis, tanto no passado como no presente. Este comportamento prenuncia, desde logo, o carácter doloso da actuação de ambos os jovens na incursão nocturna do livro IX.

No mesmo sentido, o episódio de Niso e Eurialo tem sido correlacionado com o de Ulisses e Diomedes, no canto X da *Iliada*<sup>16</sup>. Aliás, as próprias palavras de Turno, comandante das forças inimigas, evidenciam a *fraus/dolus* da acção dos jovens Troianos, mesmo antes de ela se cumprir:

---

<sup>15</sup> Sobre as relações entre o episódio da corrida e o da missão nocturna, cf. Steven Farron, op. cit., 1-14; Barbara Pavlock, op. cit., 213.

<sup>16</sup> Para uma análise pormenorizada das fontes do episódio de Niso e Eurialo e do seu tratamento, cf. Barbara Pavlock, op. cit., *passim*.

*Tenebras et inertia furta  
[Palladii caesis summae custodibus arcis]  
ne timeant, nec equi caeca condemur in aluo:  
luce palam certum est igni circumdare muros.*

*Aen. 9.150-153*

*As trevas e o inútil roubo do Paládio, mortas as sentinelas da alta cidadela, não os temam, nem nos esconderemos no obscuro ventre de um cavalo. À luz do dia, às claras, pretendo rodear as muralhas com o fogo.*

No entanto, não obstante o carácter negativo da actuação de Niso e Euríalo, que se vislumbra em ambos os episódios, verificamos que é concedido a Euríalo o primeiro prémio na corrida e, ainda mais digno de menção, promete-se fama eterna aos dois jovens. Há, em ambos os episódios virgilianos, uma notória falta de isenção do narrador.

*Fortunati ambo! Si quid mea carmina possunt,  
nulla dies umquam memori uos eximet aeuo,  
dum domus Aeneae Capitoli immobile saxum  
accolet imperiumque pater Romanus habebit.*

*Aen. 9.446-449*

*Afortunados ambos! Se alguma coisa podem os meus versos, jamais dia algum vos apagará da memória dos tempos, enquanto a casa de Eneias estiver na imutável rocha do Capitólio e o pai Romano mantiver o seu poder.*

Farron<sup>17</sup> apresenta uma inovadora e brilhante interpretação do episódio que clarifica a aparente contradição. O amor está no centro do *epos* e é a chave do episódio de Niso e Euríalo. Há um verdadeiro

---

<sup>17</sup> Para uma síntese crítica das perspectivas de interpretação do episódio, cf. Steven Farron, op. cit., 24-30 e 155-164.

fascínio de Virgílio e da cultura do seu tempo pelo amor romântico, auto-destrutivo, sobretudo, pela sua derradeira manifestação – a morte por amor<sup>18</sup>. Quando Niso vê o amante em perigo, esquece a sua importante missão, lança-se para a morte, e acaba por cair sobre o corpo de Euríalo. Compreende-se, deste modo, o relevo dado a este episódio ou a outros similares como o de Eneias e Dido, ou a história de Orfeu/Aristeu, nas *Geórgicas*.

O poeta termina o episódio da corrida, descrevendo Niso como *egregius*, pois o seu *dolus* está justificado pelo amor. Niso e Euríalo são *fortunati ambo*, pois o seu amor, a sua *loving devotion*, nas palavras de Farron, tudo justifica e desculpa, inclusivamente a brutalidade da chacina dos Rútulos. A razão de ser do qualificativo *fortunati* encontra-se, desde logo, justificada pela beleza de Euríalo, acentuada no início de cada episódio, e pelo *amor unus* que os unia.

Como já tivemos ocasião de referir, o amor que existe entre Doreu e Crome tem uma natureza distinta: é um amor fraternal, que não desculpa nem justifica as acções criminosas dos dois irmãos. Podemos, porém, *mutatis mutandis*, encontrar um paralelo no episódio de Leonor, que está motivado pelo amor conjugal. A acção de Leonor realizou-se à revelia das ordens dadas por Cosme de Lafetá. No entanto, em virtude de ter agido por amor ao seu desventurado marido, por quem inclusivamente estava disposta a morrer, a sua ousadia foi-lhe perdoada com as seguintes palavras:

[...] *Fatum, non ius moderator amorem!*

*Chauleidos* 8.589

[...] *É o fado e não o direito que governa o amor!*

Leonor e a aia surgem para seguir de perto Virgílio. Na impossibilidade (política) de absolver o amor de Doreu e Crome, por

---

<sup>18</sup> Cf. Steven Farron, op. cit., 14-24.

serem inimigos, cria-se um amor entre os Portugueses, merecedor de perdão. Porque o elemento ‘perdão’ é fundamental na narrativa.

Passemos, por fim, à análise comparativa dos acontecimentos derradeiros de cada um dos episódios.

Ao raiar do dia seguinte, os Rútulos iniciam o assédio ao acampamento troiano; exibem, como troféus, as cabeças de Niso e Eurialo, *uisu miserabile*, espetadas barbaramente em lanças, atrás das quais seguem aos gritos:

*Quin ipsa arrectis (uisu miserabile) in hastis  
praefigunt capita et multo clamore sequuntur  
Euryali et Nisi.*

*Aen.* 9.465-467

*Cravam até na ponta de lanças (triste espectáculo) as  
próprias cabeças de Niso e Eurialo e seguem-nas em grande  
algazarra.*

Ao raiar do dia seguinte, os Portugueses exibem, como troféus, os corpos de Doreu e Crome, que agonizaram violentamente com o seu próprio veneno, e lançam-nos, com desprezo, do alto das muralhas, sobre a multidão que cercava Chaul:

*Tum Lafetar Dacantum fraudem irrisurus, adauctis  
plausibus, ad summos exserta cadauera muros  
tollere, et aduersis quamprimum ostendere castris  
imperat exsultans, dissectaque uindice cultro  
proicit in medias cernentum explosa cateruas,  
atque ait: «Haec uestro damus, hortamurque rependi  
pignora cara duci, dextram hoc mihi foedere iungat  
qui tot honorificas in proelia conuocat artes!»*

*Chauleidos* 9.86-94

*Então Lafetá, para trocar do ardil dos Dácanos, com  
acrescidos aplausos, manda, cheio de alegria, erguer os*



*cadáveres estendidos ao alto das muralhas e mostrá-los quanto antes ao acampamento inimigo e lança-os com desprezo, retalhados pelo cutelo vingador, para o meio da multidão dos que estavam a observar e diz: «Estes queridos presentes, nós os ofertamos ao vosso chefe e exortamo-lo a que os avalie bem, que junte a sua dextra à minha neste pacto, ele que traz para os combates tantas honrosas habilidades!»*

Façamos um último paralelo, por missão. O *miserabile uisu* não existe aqui, em Paiva de Andrade. Não há lugar a piedade ou compaixão; apenas aos aplausos sanguinários. Em Virgílio, triunfou a barbárie, sem glória. A glória é o heroísmo dos que sucumbiram. Aqui, triunfa, do mesmo lado, a pretensa justiça, não havendo lugar à exaltação dos que tombaram.

*Há dois mil anos, Virgílio morreu, profundamente  
Profundamente infeliz, mas não desesperado. Tudo é  
desordem ao nível do indivíduo, tudo é harmonia ao nível do  
universo. Virgílio acreditava que mais longe, para além do éter,  
mais tarde, para além do tempo, o sangue e as lágrimas do  
infeliz hão-de florir em sóis.*

*Então a morte terá a face da Vida porque ambas terão  
a face do Amor.<sup>19</sup>*

Um novo dia.

Do lado dos vencidos como do lado dos vencedores a morte só tem uma face.

Da lógica da guerra à guerra sem lógica é um passo... ontem, como hoje.

---

<sup>19</sup> Walter de Medeiros, “A outra face de Eneias”: Walter de Medeiros *et alii*, *A Eneida em contraluz* (Coimbra 1992) 22.